

## Métodos de Ensino Coletivo de Piano Aplicado na Escola de Arte da UFAM

*Rosângela Silva*

Universidade Federal do Amazonas  
rosangelasilva\_92@hotmail.com

*Edna Andrade Soares*

Universidade Federal do Amazonas  
musicedna@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo conhecer os métodos do ensino coletivo de piano nos seus âmbitos históricos, metodológicos e também sua aplicação no projeto Escola de Arte da UFAM. Esta pesquisa destaca um breve histórico do ensino coletivo de piano e se propõe a analisar de que forma este tipo de ensino é trabalhado no projeto Escola de Arte da UFAM, para tanto foi aplicado um questionário para cinco professores-instrutores do projeto em questão. A pesquisa conta com o relato de experiência da pesquisadora que participou do projeto como instrutora de piano. O ensino coletivo de piano abrange métodos de ensino para vários alunos e ao mesmo tempo, o professor, que está no papel de mediador deste, tem o intuito de instigar a interação e troca de conhecimentos entre eles, proporcionar-lhes uma aprendizagem diversificada e diferenciada. O ensino coletivo aplicado nas aulas de piano no Projeto Escola de Arte UFAM ocorre de acordo com a proposta de cada professor-instrutor, portanto, não há fórmula pronta e nem manual de instruções quanto à aplicabilidade, no entanto, seus benefícios são os mesmos para aqueles que optam por usá-lo.

**Palavras chave:** Ensino coletivo; Escola de Arte da UFAM; Aprendizagem de piano;

### Introdução

Esta pesquisa teve como finalidade, conhecer os métodos de ensino coletivo aplicados nas aulas de piano que acontecem na Escola de Arte. Partindo do ponto que o ensino coletivo possui como principal característica a interação entre os alunos, a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades no âmbito da atividade musical, a qual incentiva e promove o indivíduo na cultura da sociedade em que está inserido. Esta promove também economia de esforço do professor, por mais que requeira mais energia em uma aula coletiva, quando comparada com a individual.

O projeto Escola de Arte se propõe a atender e oportunizar a comunidade externa e interna da UFAM, com cursos nas modalidades livres e continuadas; oficinas e eventos na área de música, dança, teatro e artes visuais, no intuito de desenvolver as potencialidades artísticas da comunidade. Desta forma, se faz importante à utilização de uma metodologia que alcance todas as faixas etárias, assim sendo o método de ensino coletivo é a melhor alternativa de ensino para o projeto em questão que promove o ensino de piano (o qual é o objeto de estudo desta pesquisa). Vale ressaltar que a escola também trabalha com outros instrumentos musicais, tais como flauta doce, violão, flauta transversal, dentre outros.

Sabe-se que a partir do método do ensino coletivo, muitos trabalhos são realizados em escolas, universidades e projetos voltados a aprendizagem de instrumentos musicais. Muitos autores e pesquisadores, ao conhecerem a proposta metodológica deste ensino, descobriram a gama de benefícios e potencialidades que ele oferece àqueles que encontram na música um campo de interesse pelos instrumentos musicais, ou melhor, pela música. Assim, nesta pesquisa, conheceremos como podem ser aplicados esses métodos nas aulas de piano através dos autores pesquisados e pelas entrevistas e questionários com os professores-instrutores do Projeto Escola de Arte da UFAM.

Esta pesquisa busca relacionar os principais métodos do ensino coletivo e como ele é aplicado nas aulas de piano do curso de música oferecido pela Escola de Arte, portanto os instrumentos de coleta de dados como comentado anteriormente, foram: um questionário e uma breve entrevista com cinco professores-instrutores do curso de piano do projeto em questão, a pesquisa também conta com o relato de experiência da pesquisadora que também participou do projeto como professora-instrutora.

## **Breve histórico do ensino coletivo de piano**

O ensino coletivo faz parte de uma metodologia que abrange o ensinamento de vários educandos ao mesmo tempo, tendo o professor como mediador, que neste caso, com vistas que o ensino coletivo de música estimula o indivíduo a buscar e vivenciar a realidade cultural

existente no mundo, pois, segundo Cruvinel (2003), a música ajuda na capacitação de promoção do ser humano como indivíduo na vida e na sociedade. Este tipo de metodologia propicia a difusão do ensino musical, tomando-o democrático:

Democratizar o ensino é ajudar os alunos a se expressarem bem, a se comunicarem de diversas formas, a desenvolverem o gosto pelo estudo, a dominarem o saber escolar; é ajudá-los na formação de sua personalidade social, na sua organização enquanto coletividade. Trata-se, enfim, de proporcionar-lhes o saber e o saber-fazer críticos como pré-condição para sua participação em outras instâncias da vida social, inclusive para melhoria de suas condições de vida (LIBÂNEO, 1996 apud CRUNIVEL, 2003, p. 12)

Apesar do ensino coletivo abranger práticas diferentes do ensino trabalhado em orquestras e bandas, Cruvinel (2003) aponta que o ensino coletivo deu seus primeiros passos na Europa e posteriormente nos Estados Unidos, com a formação de bandas e orquestras com a finalidade de suprir às necessidades da alta demanda da dança e da música popular. Segundo a autora, ele apresentou-se primeiramente com instrumentos de cordas nas academias, nos conservatórios e nas escolas públicas, porém, devido à grande demanda de alunos, houve a necessidade de se trabalhar coletivamente.

Voltando um pouco no tempo, foi na primeira metade do século XIX, em Dublin, na Irlanda, que surgiu o ensino de piano em grupo, através do professor alemão Johnn Bernard Logier (1777-1846). Santos (2013) relata que ao ensinar sua filha de sete anos de idade, Logier percebia a necessidade de correção da sua postura e desenvolveu aparatos nos quais chegaria futuramente a notórios inventos como o Chioroplast (moldador de mãos), método no qual fez perceber Logier poder dar mais atenção a mais de um aluno no mesmo horário de aula

As turmas de piano de Logier eram grandes e heterogêneas. Louis Spohr (1969) afirma ter visitado diversas vezes umas das escolas de Logier, escreveu no Leipsic Musical Journal, em agosto de (1820), que a média de alunos era de 30 a 40 por turma, e que nelas encontravam-se estudantes de piano iniciantes e avançados. Enquanto os primeiros tocavam uma melodia simples, mantendo o ritmo extremamente preciso, os últimos elaboravam variações na mesma tonalidade. (REINOSO, 2012, p. 09).

Conforme Santos (2013), naquela época foi criticado o sistema de dar aulas em grupo devido à retenção da atenção de cada aluno, porém para Logier, além de reduzir o tempo e compartilhar da atenção de vários alunos, este método era mais lucrativo. Todavia, o sistema caiu em desuso com o decorrer do tempo e foi reaparecer nos Estados Unidos, posteriormente.

Reinoso (2012) descreve que Calvin Cady foi o primeiro proponente a defender o ensino de piano em grupo (EPG,) além de publicar algumas ideias por volta de 1880. Conforme o autor, Cady (1887) escreveu dois artigos com este “novo” formato de ensino e especificou três objetivos os quais deveriam ser seguidos em todas as aulas de piano em grupo: Desenvolvimento dos poderes do pensamento musical; desenvolvimento de explicar ideias musicais; e a experiência musical (Richard, 1962 *apud* Reinoso, 2012).

Santos (2013) descreve em seu texto as ideias desenvolvidas por *Robert Pace*, o qual modificou suas aulas individuais para as coletivas, e também passou a escrever um método para o ensino de piano em grupo, chamado de *Piano for Classroom Music* (1956), e posteriormente, surge a ideia de trabalho coletivo através de outros métodos como: *Music for Piano* (1961) e *Skills and Drills* (1961).

Segundo Tourinho (2007), o ensino coletivo se conceitua como uma transposição inata de comportamento humano através da observação e imitação para o aprendizado musical. Portanto, o aprendizado pode acontecer de forma coletiva, pela interação e observação de outras pessoas em conjunto, assim como se aprende os hábitos comuns, como: comer, andar, falar, entre outros.

Para Swanwick (2003, p. 56), a “teoria sólida para a educação musical está necessariamente ligada à elaboração da prática profissional, o contato com a música proporciona a compreensão das ideias e diferentes experiências que envolvem pessoalmente cada indivíduo com a música”, deste modo o ensino coletivo permite a troca de experiências tanto com os colegas alunos quanto com o professor.

No âmbito da cidade de Manaus, na UFAM, o ensino de música assume um compromisso transformador em relação à realidade da Amazônia num celeiro de capacitação

tanto técnica, quanto científica e profissional do seu povo, o que equivale a dizer que é uma luta pela preservação do patrimônio artístico, musical e cultural da cidade.

Esse patrimônio musical vem principalmente da época do Conservatório de Música Joaquim Franco, extensão da UFAM, que foi muito importante na formação musical dos músicos amazonenses. Exemplos do trabalho em grupo ou coletivo foi a criação do Coral Universitário, sob a direção de Nivaldo Santiago e o ensino de piano em grupo, tendo à frente as professoras Abigail Rodrigues e Marly Carvalho, que utilizaram o Método Pace. Para Marly Carvalho apud Neves (2015, p. 64) na aula de piano em grupo, os alunos ouviam uns aos outros, assim: “iam se acostumando a tocar uns para os outros”, logo, não temiam apresentação em público, porque já estavam acostumados nesse ambiente de reciprocidade que o ensino coletivo promove.

## **O ensino coletivo de piano na Escola de Arte**

O projeto Escola de Arte da UFAM coordenado pela Edna Soares, foi fundado em 2010 pela professora Rosemara Staub e apoiado pelo Departamento de Artes, hoje Faculdade de Artes – FAARTES que se estende a atender e oportunizar a comunidade externa e interna da Universidade Federal do Amazonas, onde crianças, jovens e adultos, aprendem com cursos nas modalidades livres e continuadas, oficinas e eventos na área de música, dança, teatro e artes visuais. O projeto é executado por professores e na sua maioria, pelos próprios alunos do curso de música, principalmente estagiários.

Com relação ao ensino de piano e sua metodologia de ensino coletivo utilizada na Escola de Arte, não se diferencia da metodologia ressaltada no corpo desta pesquisa, e nem em seus conceitos, portanto, não limita ações desenvolvidas para o alcance dos objetivos das aulas de piano com os alunos e se busca utilizar o máximo de tempo para usufruir das aulas.

## **Método de Coleta de Dados**

Nesta pesquisa buscou-se relacionar os principais métodos do ensino coletivo bem como a maneira que são aplicados nas aulas de piano do curso de música oferecido pela Escola de Arte. Para tanto, foram entrevistados cinco professores-instrutores do curso de piano do Projeto Escola de Arte da UFAM. Esta pesquisa também conta com o relato de experiência da autora pesquisadora, deste modo destacamos que além de ter o olhar de pesquisadora, a autora também pôde conhecer na prática o método de ensino coletivo apresentado no projeto, como pode ser observado no tópico a seguir.

### **Relato Pessoal da Pesquisadora**

Iniciei como instrutora na Escola de Arte da UFAM em 2013, quando ainda era estudante do curso de Licenciatura em Música na Universidade Federal do Amazonas, tive a princípio muita dificuldade em ministrar aulas dentro do coletivo, tal situação me instigou a fazer esta pesquisa que se fortaleceu no período de estágio, quando surgiu o interesse em conhecer as metodologias aplicadas pelos colegas instrutores que ministravam aulas nesta escola.

Minhas aulas como instrutora de piano ocorreram semanalmente e atenderam duas turmas com duração de duas horas cada. As aulas eram realizadas na sala de piano 1B, esta localizada no Departamento de Artes da UFAM. Os horários e dias da semana foram fixos, com calendário previamente estabelecido pela Coordenação da Escola de Arte. Na sala de piano ficavam dispostos dez pianos, sendo que um deles era utilizado por mim, como professora-instrutora.

Na ocasião, quando ministrei aulas de piano, atendi a duas turmas. Uma das turmas era composta por crianças na faixa etária entre 6 e 7 anos, e a outra de 8 e 11 anos, porém, dados os interesses dos pais que estudavam no programa fazendo outro curso e por estarem na sala de piano acompanhando seus filhos, abriu-se a oportunidade de estudarem junto com eles, logo, a turma abrangeu idades diversificadas, como alunos de até 45 anos de idade, ou seja, uma das turmas foi mesclada entre crianças e adultos.

Neste período, as aulas foram divididas em 03 etapas, sendo que na turma 1, formada por crianças de 6 a 7 anos, os conteúdos eram abordados com atividades lúdicas e brincadeiras com o objetivo de melhor assimilação. A interação entre aluno e professor tornou-se recíproca.

O desenvolvimento das aulas acontecia da seguinte forma: No primeiro momento era feito um aquecimento corporal a fim de preparar fisicamente a turma para a prática. Todo conteúdo apresentado era acompanhado por uma atividade lúdica como jogos e brincadeiras, com o objetivo de interligar, de uma forma simples, a assimilação do conteúdo. Após essa atividade, era hora de recapitular o que foi ensinado anteriormente e os alunos deveriam tocar a peça para lembrar e fixar o que aprenderam na aula passada e só então o conteúdo novo era apresentado à turma.

No segundo momento, os alunos eram organizados e dispostos em seus instrumentos, onde era verificada a postura correta e, em seguida, a música era apresentada ao aluno. Vale salientar que cada professor-instrutor do projeto Escola de Arte da UFAM escolhe a música de acordo com o objetivo da aula, logo, se naquela aula ele pretende ensinar o solfejo melódico, a música escolhida deve apresentar o maior número de solfejos possíveis, ou seja, a peça contém conteúdos melódicos em ordem gradativa de dificuldades, por exemplo: ela se apresenta em intervalos conjuntos que vão sendo afastados e assim consecutivamente. Já para ensinar as figuras rítmicas, fiz com o que os alunos as executarem com o corpo no intuito de senti-las fisicamente, para em seguida tocá-las no instrumento.

## **Resultados obtidos com o questionário**

Para coletarmos os dados foi aplicado um questionário para cinco alunos de graduação do curso de licenciatura em música que fizeram parte do Projeto Escola de Artes como instrutores nas aulas de piano coletivo. O questionário teve como propósito investigar de que forma estes instrutores trabalhavam o piano coletivo. É importante ressaltar que os nomes dos participantes foram ocultados para mantermos suas identidades preservadas, portanto os entrevistados são identificados pelas letras maiúsculas dos seus nomes (T, G, J, M, E). Também

vale salientar que as respostas apresentadas nesta pesquisa preocuparam-se em manter e usar as mesmas palavras e termos cedidos pelos entrevistados.

**1. O que você entende por ensino coletivo?** Os instrutores T e G abordam o mesmo conceito a respeito do ensino coletivo e dizem que: é uma prática que envolve todos no ensino e aprendizagem e que interagem uns com os outros, ainda não havendo classificação de habilidades, além de uma forma de instrução conjunta de conteúdos com os objetivos que todos recebam o aprendizado e, em outra resposta o instrutor M relata que ele promove a democratização do ensino da música, promovendo transformação do ser humano em meio à sociedade. De certo modo, todos os professores-instrutores aqui entrevistados, acreditam que o ensino coletivo promove a aprendizagem através do modelo do outro, dessa forma, baseado nas respostas dos professores-instrutores mediante seus conhecimentos sobre o ensino coletivo, temos como pressuposto, os estudos de Tourinho (2007) e seus princípios do ensino coletivo como:

(...) acreditar que todos aprendem com todos. O professor é modelo, quem toca com facilidade, enquanto que os demais colegas atuam como espelhos, refletindo (ou não) as dificuldades individuais do grupo. Assim é possível observar/comparar/avaliar a si mesmo sem necessidade de intervenções verbais explícitas (TOURINHO, 2007, p. 5)

Dessa forma, a autora explica que o ensino coletivo é uma troca de conhecimentos na qual o professor, como mediador, pode atender tanto alunos individuais em suas dificuldades quanto em grupo, intervindo, corrigindo e incentivando toda a sua turma.

Cada professor-instrutor tem um olhar sobre a forma de ensino coletivo, porém, ao integrar as respostas chegamos a um único resultado sobre o conhecimento de todos: que este está consolidado na capacidade de ensinar e aprender uns com os outros, sem que nenhum saia de uma aula sem adquirir o conhecimento planejado para aquele dia.

**2. Para você qual a diferença do ensino individual, em grupo ou coletivo?** Sobre o ensino individual, os instrutores T, G, J, M descrevem ser um aprendizado exclusivo e sólido,

direcionado a uma pessoa apenas; já o professor-instrutor E não relatou sobre o ensino individual. Sobre o ensino coletivo os professores-instrutores J, G, T, E, M relatam ser um ensino para várias pessoas, ao mesmo tempo, onde estão aprendendo e vivenciando igualmente, aprendem em conjunto... E, sobre o ensino em grupo os instrutores M, G usam a mesma definição sobre coletivo, sendo este um ensino que abrange várias pessoas ao mesmo tempo; Já o professor-instrutor T não define exato sobre ensino em grupo e o professor-instrutor E descreve que é ensinar para um grupo pequeno e o mesmo diz o professor-instrutor J.

**3. Na sua experiência adquirida nas práticas de ensino, você prefere adotar o ensino individual, em grupo ou coletivo?** Houve relato onde foi dito que isso é muito relativo (professor-instrutor E): “Se for para alunos iniciantes a preferência será pelo ensino coletivo. Caso seja para aluno no nível intermediário ou avançado, o mais proveitoso é o individual. Porque o ensino básico é bem suave, o ensino intermediário ou avançado exige mais dedicação e esforço para se alcançar resultados. Neste momento, o individual é mais direcionado, não que os outros não o sejam, mas ensinar a um só aluno até parece ser mais eficaz, a não ser pelas faltas, atrasos, desculpas”.

O ensino tutorial, para Tourinho (2007) privilegia poucos, que para serem escolhidos, passam por testes muitas vezes severos, como leitura e execução de repertório de origem europeia. Já o trabalho em conjunto, ou seja, grupal, a autora diz que há uma ajuda mútua e supervisionada pelo professor-instrutor, que conhece e sabe dos seus alunos e os que sabem mais ou menos, colaboram com a aprendizagem de cada um.

**4. Qual o material didático que você utiliza em suas aulas?** Percebemos que eles utilizam as seguintes metodologias:

O professor-instrutor E utiliza o método de leitura e peças avulsas; já o G usa a metodologia *Hannon*, *Bela Bartok*, *Suzuki*, Mário Mascarenhas, *Dalcroze*, *Orff*, *Kodály*, o instrutor J utiliza o método indireto de ensino, que de acordo com ele baseia-se no método de

*Piaget e John Dewey*, o instrutor T utiliza a escala pentatônica que permite uma experiência musical antes de aprofundar mais sobre as técnicas do instrumento.

Os instrutores possuem a liberdade de trabalhar com o método no qual percebem que melhor facilita a aprendizagem dos seus alunos, por isso há diversidade de metodologias encontradas nas respostas dos mesmos, porém, quero destacar aqui a metodologia, citada por alguns dos instrutores, que são: *Dalcroze, Orff, Kodály e Suzuki* que contribuem para o ensino musical onde utiliza o movimento, a demonstração, ao invés de narrativa oral e a observação de modo rápido e natural, como é o caso do método *Suzuki*. Portanto, no bojo de cada metodologia aqui citada, cada uma tem sua especificidade para o ensino de piano.

Santos (2013, p. 25) descreve sobre as vantagens que as metodologias das aulas de piano em grupo proporcionam e diz que:

- ✓ Menos professores são necessários para um número maior de alunos;
- ✓ Há uma competição saudável entre os alunos na qual se estimula o aprendizado;
- ✓ O grupo ajuda a superar o medo da performance;
- ✓ Há uma constante troca de ideias;
- ✓ O uso de instrumento eletrônico possibilita uma variedade de sons;
- ✓ O autor salienta ainda que o aluno do curso de piano tem bastante vantagem em relação à eficiência do estudo, pois há uma dinâmica que ajuda no uso de diversas metodologias que exercitam o desenvolvimento e habilidades dos alunos.

Rocha (2016) diz sobre os métodos que:

Independentemente do método empregado pelo professor de piano em grupo, acreditamos ser fundamental sua participação como mediador e motivador do processo de aprendizagem de seus alunos, oferecendo meios para que eles possam compreender os conteúdos propostos, explorar, desenvolver e expressar suas habilidades técnico-musicais. (ROCHA, 2016, p. 41)

É relevante que as aulas sejam planejadas com o fim de resultados positivos quanto aos objetivos de cada aula como expõe Tourinho (2007):

Planejamento prévio, disciplina e concentração também são pré-requisitos para o professor. A aula precisa ser planejada, deve haver um roteiro de apoio. Se experiente, o professor estrutura apenas tópicos, que são seguidos ou organizados de acordo com o desenrolar das atividades, mas a disciplina e a organização são fatores essenciais. A aula coletiva exige também grande concentração do professor, que precisa estar atento a muitos estudantes simultaneamente (TOURINHO, 2007, p. 3).

Ainda que o planejamento seja para o grupo, deve se levar em conta as habilidades de cada um.

**5. Quais os pontos positivos e negativos do método adotado?** Os instrutores M, G, J disseram que o ensino coletivo abre as portas para uma grande quantidade de alunos ao mesmo tempo. Já o instrutor T traz como ponto positivo que: “o aluno vivencia a música antes de ir a um outro nível de dificuldade mais técnica, ou seja, ele perde o medo de tocar e aprende a dominar o instrumento.”

Como ponto negativo, foi citado em todos relatos de todos os instrutores a falta de tempo necessário ou suficiente para dar mais atenção individual a todos, mediante suas dificuldades específicas. Logo, percebemos o quanto é importante diversificar as metodologias, pois uns têm facilidades em alguns métodos, enquanto que outros têm mais dificuldades, necessitando assim de mais atenção e que nem todas às vezes, o tempo é suficiente para atender a todos.

**6. É possível ensinar mais pessoas utilizando menor espaço de tempo e com qualidade?** A maior parte dos instrutores responderam ter certa dificuldade, enquanto os instrutores G, T relatam que depende do empenho do aluno e outros dizem que não sentem dificuldades, porém a atenção fica comprometida, e o menor espaço de tempo não contribui para um ensino de qualidade: “Como instrutores sempre buscamos o melhor conteúdo para

que a aprendizagem flua, mas o professor de um instrumento não pode trabalhar sozinho em uma sala de aula. Ele precisa da parceria, e pelo menos 70% da prática do aluno”. (Instrutor G)

**7. Como você, instrutor, trabalha dentro da perspectiva de trabalho coletivo?** O instrutor T respondeu que trabalha de acordo com a dificuldade de cada um enquanto que o instrutor J não trabalha de forma coletiva. O instrutor M busca identificar quem realmente tem essa prática para tocar instrumentos e com isso, os ajuda a enfrentar o desafio de ser um instrumentista.

**8. Quais as dificuldades que você encontrou ao trabalhar no coletivo?** Os instrutores T, J, M declaram que a maior dificuldade, sem dúvida, é a diferença de idade e nível de conhecimento dentro de uma turma.

**9. Qual o seu método de trabalho no contexto de coletividade?** O instrutor T usa o método *Orff* e pentatônica, pois acredita não ser difícil para os alunos, enquanto J entrega uma peça diferente para cada um e ensina de forma individual e o M faz um resumo teórico de todo o conteúdo inicial do instrumento e depois da vivência do instrumento.

**10. Como você desenvolve suas aulas?** O instrutor T desenvolve suas aulas de acordo com as observações nos alunos, ou seja, conforme o avanço deles, ele vai adaptando a próxima aula. No entanto, o J avalia primeiramente seus alunos e, conforme o nível faz atividades pertinentes. Já o M desenvolve primeiramente a teoria e depois a prática no instrumento.

**11. Com relação ao trabalho em coletivo, qual ideia você sugere para contribuição no programa Escola de Arte?** Os instrutores T e J sugerem que organizem as turmas por idade e por nível de conhecimento e o M sugere que o material do curso seja preparado por eles mesmos baseado em canções da “nossa região”

## Considerações Finais

Conforme os resultados obtidos por meio do questionário aplicado com na pesquisa, é perceptível que o projeto Escola de Arte da UFAM não possui uma metodologia na qual os instrutores precisem seguir meticulosamente, o que ocorre neste caso é que os instrutores

adaptam a metodologia coletiva conforme percebem a aprendizagem dos alunos, e no final, todos saem do curso beneficiados com a aprendizagem do instrumento, onde juntos, podem ajudar uns aos outros, trocando experiências e conhecimentos.

O ensino coletivo de piano trabalhado no projeto Escola de Arte da UFAM, permite que haja troca mútua de aprendizado. Admite-se que os professores-instrutores pratiquem o que lhes é ensinando ao longo do curso de licenciatura em música, enquanto que os alunos do projeto podem vivenciar a aprendizagem musical e trocar experiências entre si.

Portanto, a partir da averiguação e análise de dados, constatou-se a relevância da prática do ensino coletivo de um instrumento musical e pode-se, então, afirmar que no curso de piano na Escola de Arte da UFAM contribui significativamente para o desenvolvimento musical dos alunos iniciantes, como um todo.

Finalmente, esperamos que este trabalho venha contribuir para o enriquecimento da literatura sobre o piano coletivo em Manaus e no Brasil, da mesma maneira que proporcionou o crescimento intelectual desta autora, e que outros trabalhos sejam produzidos nesta mesma linha de pesquisa.

## Referências

CRUVINEL, F. M. Efeitos do Ensino Coletivo na Iniciação Instrumental de Cordas: A Educação Musical como meio de transformação social. 2003. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2003.

NEVES, H. M. Implementar uma Instituição de formação musical: Uma História do Conservatório de Música Joaquim Franco. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre – 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18478/000729721.pdf>? Acesso em 10 de Junho de 2017 às 22h35

REINOSO, A. P. T. O ensino de piano em grupo em universidades brasileiras. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.unirio.br/ppgm/arquivos/dissertacoes/ana-reinoso>> Acesso em 07 de junho de 2017 às 13h30

ROCHA, C. da S. A Música Como Meio de Ensino Pedagógico na Escola Municipal Prof. Sérgio P. Figueiredo Manaus Em Amazonas. Manaus/Amazonas, 2016.

SANTOS, R. L. dos. Uma proposta de método para ensino de piano em grupo destinado ao curso de piano complementar nas universidades brasileiras. Tese de Doutorado. PPGM/ USP, São Paulo, 2013.

SWANWICK, K. Ensinando música musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna 2003.

TOURINHO, A. C. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: XVI Encontro Nacional da ABEM, Salvador, 2007. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/ensino-coletivo-de-instrumentos-musicais-ana-tourinho.html>> Acesso em 10 de abril de 2017 às 10h30.